

# Brasil e Portugal, interrogações

## A. Campos Matos \*

*O Brasil tem vivido dilacerado pela angústia das suas origens, com fases eufóricas e depressivas, que podemos identificar em todos os grandes intérpretes [...] Euforia de Gilberto Freyre [...], depressão de Viana Moog [...] ou a infelicidade de não ser norte-americano.*

Luís Filipe Castro Mendes, citado por Wilson Martins, in: *Brasil e Portugal 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*, vol. 2, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2001, p. 343.

Em crônica de 1896, publicada nas *Cartas de Paris* (ed. Livros do Brasil), a propósito dos Estados Unidos e da doutrina Monroe, Eça refere que “Yankees, com o natural orgulho de quem sente cada dia surdirem em si forças novas, e com a ambição de passarem perante o mundo como criadores únicos da sua grandeza, e ainda também com esse surdo despeito que os povos coloniais conservam contra os seus antigos dominadores, cuja civilização mais requintada, por ser mais velha e complexa, eles nunca podem igualar na sua beleza, estabilidade e brilho histórico, extraíram essa singular fórmula da *América para os Americanos!*”

Teremos de descontar, decerto, nesta citação, o acentuado preconceito europeísta deste Eça finissecular que podemos alias juntar a outros preconceitos seus, retendo, no entanto, aquela razoável porção de verdade que tal citação contem. E logo ao nosso espírito acode, ao lê-la, o complexo e delicado problema que é o das relações culturais entre brasileiros e portugueses. A grande conveniência que temos mantido com brasileiros: queirozianistas, amigos e até com familiares chegados que nasceram e vivem no Brasil permite-nos aperceber, de há muito, a existência de qualquer coisa parecida com uma rejeição cultural e histórica, relativamente a Portugal, qualquer coisa parecida com uma expressão nacionalista e reivindicativa de autonomia e de afirmação própria. E

---

\*Arquiteto nascido na Póvoa de Varzim, publicou numerosos trabalhos dedicados ao estudo da vida e obra de Eça de Queirós.

essa rejeição, a que Eduardo Lourenço, chama “ressentimento” (A Nau de Ícaro, 1999) termo já anteriormente usado pelo crítico brasileiro Wilson Martins, surge, por vezes, no contato com brasileiros, ainda que seja enorme a sua afabilidade e encantador o seu convívio, mesmo quando tal convívio envolve pessoas de superior cultura, que muito admiramos.

Eça menciona, na citação acima transcrita, a “ambição de passarem perante o mundo (eles Estados Unidos) como criadores únicos da sua grandeza”. Também esse mesmo tipo de ambição se tem por cá detectado relativamente ao Brasil. Eduardo Lourenço, ainda, observa: “o Brasil é um país para quem Portugal é um ponto vago num ponto maior chamado Europa, ou vaga reminiscência escolar de sitio de onde há séculos chegou um certo Álvares Cabral. Claro que esta espessa – e, na aparência escandalosa – rasura da nossa existência e da nossa “importância” na consciência do brasileiro comum se presta a uma óbvia leitura de psicanálise histórica”.

A comemoração dos quinhentos anos do “achamento” do Brasil veio evidenciar, muito particularmente, a “rejeição” que atrás referimos, que contrasta singularmente com a simpatia, afectividade, quase poderíamos dizer, enlevo, com que em Portugal se aprecia, em geral, o Brasil e os brasileiros: a sua música, o seu humor, as suas telenovelas (desde a revolucionária *Gabriela Cravo e Canela*, em 1977) e a sua fala. Sim a fala, o tão citado “português com açúcar” de Eça, que ele apreciaria, ou o divertia, quanto mais não fosse pela indiscutível “criatividade” da sua expressão, como um dia referiu. E não poderemos excluir, desse apreço geral português, a literatura, tendo em vista a grande audiência no nosso País de autores como Érico Veríssimo, Jorge Amado, Assis Brasil e Paulo Coelho, este último literariamente muito discutível mas expressão característica da sua pátria.

Sobre a nossa receptividade à fala brasileira, vem a talho de foice este episódio: uma investigadora brasileira (organizadora da *Obra Completa* de Eça no Brasil), manifestou-nos há mais de uma vintena de anos, um certo receio de abordar, em Lisboa, já não sei que personalidade de difícil trato. Dissemos-lhe então: “Não tenha esses pruridos Beatriz, fale alto e em bom som que logo o seu acento brasileiro fará o resto!” como efectivamente viria a acontecer... Tinha-lhe custado a acreditar que o seu “português” pudesse obter aqui um tal efeito!

Mas será esta receptividade portuguesa, para com os nossos confrades de além-mar, extensível a todos os domínios das suas manifestações? Supomos que não, que, por exemplo, no domínio da escrita e num grau mais exigente de apreciação, já nós portugueses levantamos algumas dúvidas e nos interrogamos, surpresos, com o rumo dessa expressão no Brasil de hoje. Lemos Bilac, Machado de Assis, Paulo Prado e mais recentes autores, como Gilberto Freire, Álvaro Lins, António Cândido, Josué Montello ou esse crítico eminente que é Wilson Martins, autor de *Pontos de Vista* (15 vols.) e, em todos eles, vemos uma elocução, para nós, de bom gosto, literariamente bem construída e bem pensada com, obviamente, brasileirismos vocabulares e sintácticos, porque de brasileiros se trata. Ou não fosse qualquer língua um organismo integrador de todos os elementos próprios da sua circunstância, – no caso do Brasil a cultura portuguesa, de mistura, basicamente, com as expressões de africanos e de indígenas! Porque só uma obtusidade demente poderia pretender que o Português obedecesse em Angola, Moçambique, Timor, ou Brasil, a um cânone idêntico e imutável...

Caminhará, todavia, dentro dos parâmetros lógicos da evolução já adquirida, no Brasil, a prosa de certos autores de hoje, para dar um exemplo apenas numa área muito em voga, a de certos biógrafos, que não sendo evidentemente mestres da língua, se nos afiguram a nós portugueses de rebarbativa leitura? Quão distantes eles se nos apresentam da prosa límpida de uma Lúcia Miguel Pereira, biógrafa de Machado de Assis! Ou estaremos, em Portugal, já tão distanciados da sintaxe brasileira actual que tais autores alguma dificuldade de entendimento, ainda que em muitíssimo menos grau do que a incompreensão que a nossa fala causa a milhões de brasileiros no Brasil?

Esses escritores actuais reflectem ainda, possivelmente, o chamado “movimento modernista” (1922-30), sedição que teve uma forte componente regional de mineiros e nordestinos, praticantes de uma expressão escrita populista, decalcada sobre a fala, em detrimento da disciplina gramatical. Escreveu Wilson Martins, numa crónica de 1953, depois recolhida no 2º volume dos *Pontos de Vista*, que “a revolução literária de 1922 foi uma revolta freudiana em que o complexo de Édipo e o de inferioridade se conjugaram” (p. 497). Supomos que ainda hoje manterá esta asserção. Abordando a mesma temática, num dos seus ensaios do *Jornal de Crítica* (7 vols.), Álvaro Lins refere que José de Alencar,

campeão da emancipação literária brasileira dos preceitos sintáticos portugueses, – “vencia quando se atirava contra as velharias gramaticais ou preconceitos de purista. Mas era derrotado nos pontos em que contrariava o espírito da língua, a lógica da sua evolução, ou o bom gosto e a melhor sonoridade” (4ª série, p. 164). Afigura-se-nos este, um dos aspectos relevantes no que respeita à apreciação da escrita brasileira a que nos vimos referindo. “Bom gosto” e “sonoridade” (para só aludir a estes predicados), não se alcançam senão com o esforço de depuração persistente e árduo, que a letra de forma de qualquer língua exige.

Parece dar-nos uma concludente achega, neste sentido, a interrogação que se lê na 2ª página da célebre obra memorialista e confessional do romancista brasileiro Graciliano Ramos, autor, como Camilo, de *Memórias do Cárcere*: “Porque foi que um dos meus livros saiu tão ruim, pior que os outros? Pergunta o crítico honesto. E alinha explicações inaceitáveis. Nada disso, acho que é ruim porque está mal escrito. E está mal escrito porque não foi emendado, não se cortou pelo menos a terça parte dele.”

Não será esta uma excelente e poderosa advertência para brasileiros e portugueses de hoje?

## Resumo

Recordando análise de Eça de Queirós sobre os Estados Unidos, tecem-se considerações acerca da rejeição que o Brasil frequentemente manifesta em relação a Portugal e que Eduardo Lourenço classifica como “ressentimento”. Manifestações essas não correspondidas por Portugal, que se mostra bastante receptivo a tudo que diga respeito ao Brasil.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós, relações luso-brasileiras

## Abstract

Recalling Eça de Queirós's analysis about the United States, considerations become entangled concerning the rejection that Brazil frequently manifests in Portugal's connection and that Eduardo Lourenço classifies as “resentment”. Those manifestations are not corresponded by Portugal, that presents itself quite receptive to everything that regards Brazil.

**Key-words:** Eça de Queirós, Portuguese-Brazilian relationship